

I

Como fazia um calor de trinta e três graus, o bulevar Bourdon estava completamente deserto.

Mais abaixo, o canal Saint-Martin, fechado por duas eclusas, exibia, numa linha reta, suas águas escuras. No meio, flutuava uma barcaça carregada de madeira e, à margem, viam-se duas fileiras de barricas.

Além do canal, entre as casas separadas por estaleiros, o grande céu límpido recortava-se em lápis-lazúlis e, sob a reverberação do sol, as fachadas brancas, os telhados de ardósia e os cais de granito ofuscavam. Um rumor confuso erguia-se ao longe na atmosfera tépida e tudo parecia entorpecido pela indolência domingueira e pelo desalento dos dias de verão.

Dois homens surgiram.

Um vinha da Bastilha, o outro do Jardin des Plantes. O mais alto, vestido de brim, caminhava com o chapéu jogado para trás, o colete desabotoado e a gravata na mão. O mais baixo, o corpo escondido debaixo de uma sobrecasaca marrom, ocultava a cabeça sob um boné de viseira pontuda.

Quando chegaram ao meio do bulevar, sentaram, ao mesmo tempo, no mesmo banco.

Para enxugar a testa, tiraram os respectivos chapéus, colocando-os cada qual a seu lado. O baixote viu escrito no chapéu de seu vizinho: “Bouvard”; enquanto este distinguia, facilmente, no boné do indivíduo de sobrecasaca, a palavra: “Pécuchet”.

— Veja só — disse ele —, tivemos a mesma idéia de escrever nosso nome nos chapéus!

— Ora, era o jeito! Alguém poderia levar o meu do escritório!

— O mesmo poderia acontecer comigo. Também sou empregado. Então, examinaram-se.

O aspecto amável de Bouvard logo encantou Pécuchet. Seus olhos azulados, sempre entrecerrados, sorriam em um rosto corado. As calças, folgadas e de cintura alta, que caíam em pregas sobre os calçados de castor, moldavam-lhe o ventre e inflavam-lhe a camisa na cintura; seus cabelos louros, naturalmente frisados em cachos leves, davam-lhe um ar infantil. Com a ponta dos lábios, emitia uma espécie de assobio contínuo.

O ar grave de Pécuchet impressionou Bouvard.

As mechas, que lhe cobriam a cabeça elevada, eram tão lisas e negras que se diria estar usando uma peruca. Todo o seu rosto parecia estar de perfil, graças ao nariz que chegava até embaixo. As pernas, apertadas em tubos de um tecido de lã, eram desproporcionais ao comprimento do tronco; e o homenzinho tinha uma voz grossa, cavernosa.

Escapou-lhe a exclamação:

— Como seria bom estar no campo!

O subúrbio, segundo Bouvard, estava maçante por causa do tumulto das tabernas. Pécuchet concordava. Ele começava a cansar-se da capital, Bouvard também.

E os olhos de ambos vagavam sobre os montes de pedras para construção, sobre a água repugnante do canal, onde flutuava um feixe de palha, sobre a chaminé de uma fábrica que se erguia no horizonte; os esgotos exalavam um odor fétido. Voltaram-se para o outro lado. Diante deles, surgiram os muros do Grenier d'abondance.¹

Decididamente (e Pécuchet surpreendia-se com isso), sentia-se mais calor na rua do que em casa!

1. Celeiros públicos, criados em 1807 por Napoleão, e incendiados durante a Comuna.

Bouvard aconselhou-o a tirar a sobrecasaca. Que importância tinha a opinião dos outros!

De repente, um bêbado atravessou a calçada em ziguezague; a propósito de operários, começaram a falar de política. Tinham as mesmas opiniões, conquanto Bouvard fosse talvez um pouco mais liberal.

Um ruído de ferragens ressoou no calçamento num turbilhão de pó. Eram três caleças de aluguel que iam na direção de Bercy, conduzindo uma noiva com seu buquê, burgueses de gravatas brancas, damas enterradas em suas saias até as axilas, duas ou três meninas, um estudante. A visão do cortejo nupcial levou Bouvard e Pécuchet a falar das mulheres, consideradas frívolas, rabugentas, teimosas. Porém, freqüentemente, valiam mais que os homens; às vezes menos. Em suma, era melhor viver sem elas; por isso, Pécuchet perseverara em se manter solteiro.

— Quanto a mim, sou viúvo — disse Bouvard — e sem filhos!

— Talvez seja uma sorte para o senhor, mas a solidão, com o passar do tempo, é bem triste.

Então, à beira do cais, despontou uma prostituta acompanhada de um soldado. Pálida, de cabelos negros e marcada pelas bexigas, apoiava-se no braço do militar, arrastando as chinelas e balançando as ancas.

Quando o casal se afastou, Bouvard permitiu-se um comentário obsceno. Pécuchet enrubesceu e, na certa para evitar uma resposta, apontou-lhe, com os olhos, um padre que se acercava.

O eclesiástico desceu lentamente a avenida de olmos raquíticos, alinhados na calçada, e, quando o tricórnio desapareceu, Bouvard declarou-se aliviado; execrava os jesuítas. Sem absolvê-los, Pécuchet demonstrou certa deferência pela religião.

Entrementes, o crepúsculo caíra e as persianas das casas em frente foram levantadas. Surgiram mais transeuntes. Soaram sete horas.

No entanto, as palavras de ambos corriam, inesgotáveis. Observações sucedendo-se a anedotas, apreciações filosóficas substituindo considerações pessoais. Denegriram os encarregados das obras públicas, o monopólio do tabaco, o comércio, o teatro, a marinha e todo

o gênero humano, como se tivessem padecido grandes dissabores. Ao escutarem um ao outro, encontravam partes esquecidas de si próprios e, conquanto já tivessem deixado para trás a idade das emoções ingênuas, provavam um novo prazer, uma espécie de desabrochar, o encanto do início de uma afeição.

Por vinte vezes se levantaram, tornaram a se sentar, andaram de uma eclusa a outra por toda a extensão do bulevar, todas as vezes querendo partir, faltando-lhes forças, retidos pelo fascínio.

Entretanto, já se despediam, apertando-se as mãos, quando de repente Bouvard disse:

— E se jantássemos juntos?

— Foi o que me veio à mente! — tornou Pécuchet. — Mas não ousei lhe propor!

E deixou que Bouvard o conduzisse a um pequeno restaurante, em frente ao Hotel de Ville, onde se sentiriam à vontade.

Bouvard pediu o cardápio.

Pécuchet temia os alimentos condimentados, capazes de lhe atearem fogo às entranhas. Isto foi motivo para uma discussão médica. Em seguida, louvaram as vantagens da ciência: tantas coisas a conhecer! Quantas pesquisas! Ah, se tivessem tempo! Que lástima, o ganha-pão os absorvia! E ergueram os braços, estupefatos. Por pouco não se abraçaram por cima da mesa com a revelação de que ambos eram escreventes. Bouvard, em uma casa comercial, Pécuchet, no Ministério da Marinha, o que não o impedia de consagrar, todas as noites, alguns momentos ao estudo. Observara erros na obra de Thiers², e referiu-se, com o maior respeito, a um certo Dumouchel, professor.

A superioridade de Bouvard se manifestava em outros aspectos. A corrente de seu relógio de cabelo espiral e a maneira como preparava a remolada, denunciavam o veterano cheio de experiência. Comia com a ponta do guardanapo enfiada no sovaco, declamando

2. Importante político francês do século XIX, Adolphe Thiers (1797-1877) escreveu, ainda na sua juventude, a obra *Histoire de la Révolution française*, publicada em dez volumes.

coisas que faziam Pécuchet rir. Era um riso singular, uma única nota, muito baixa, sempre a mesma, que se manifestava a longos intervalos. Quanto ao de Bouvard era contínuo, sonoro, descobria-lhe os dentes, sacudia-lhe os ombros e chamava a atenção dos fregueses junto à saída.

Terminada a refeição, foram tomar café em outro estabelecimento. Contemplando os bicos de gás, Pécuchet lamentou o excesso de luxo e, com um gesto de desdém, afastou os jornais. Bouvard era mais indulgente com relação aos escritores. Apreciava a todos, sem exceção, e por pouco não seguira a carreira de ator na juventude!

Quis fazer malabarismos com duas bolas de bilhar e um taco, como Barberou, um de seus amigos. Porém, invariavelmente, as bolas caíam no chão, rolando entre as pernas dos circunstantes, e perdiam-se ao longe. O garçom, que todas as vezes se levantava para procurá-las, de gatinhas sob as banquetas, acabou por protestar. Pécuchet discutiu com ele. Quando o proprietário da casa apareceu, não aceitou suas desculpas e ainda contestou-lhe as despesas.

Em seguida, Pécuchet propôs terminarem a noite tranqüilamente em sua casa, localizada ali perto à rua Saint-Martin. Mal entrou, vestiu uma espécie de camisola de algodão, com estampa indiana e fez as honras do apartamento.

Uma escrivaninha de pinho, posta bem ao centro, incomodava por causa de suas pontas; ao redor, nas prateleiras, sobre as três cadeiras, sobre a velha poltrona e pelos cantos, viam-se, em desordem, vários volumes da enciclopédia Roret, o *Manual do magnetizador*, um Fénelon e outros livros, misturados a papéis amontoados, dois cocos, várias medalhas, um fez e conchas, trazidos do Havre por Dumouchel. Uma camada de poeira aveludava as paredes, outrora pintadas de amarelo. A escova para sapatos jazia à beira da cama, da qual pendiam os lençóis. No teto, via-se uma grande mancha negra produzida pela fumaça da lâmpada.

Sem dúvida devido ao odor, Bouvard pediu permissão para abrir a janela.